

# Censo se aprimora e detecta resistência dos índios: crescimento de 205% em 20 anos

Mudanças no questionário e na logística fazem levantamento do IBGE se aproximar melhor da realidade indígena no Brasil e até registrar etnias que já eram consideradas extintas. Estatística maior revela, principalmente, mais consciência e disposição de luta pelos direitos

Marcio Maturana

QUAL A COR da sua pele? Branca, preta, parda, amarela? Os brasileiros em geral — inclusive muitos índios — respondem uma dessas alternativas. É raro ocorrer — lhes apontar a cor da pele como “indígena”. Sobre raça ou etnia, consideram-se guarani, xavante ou ianomâmi, também em vez de “indígena”. Por isso, o censo divulgado este mês pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mudou o questionário e conseguiu aproximar-se melhor da realidade. Resultado: dos 294 mil índios detectados em 1991, primeira vez que foram incluídos na pesquisa, passou-se para 897 mil em 2010 (0,4% da população do Brasil). Crescimento de 205% em 20 anos, cinco vezes mais que o da população geral do país.

O censo detectou 79 mil índios que não tinham optado por essa classificação, apesar de viverem em terras indígenas. Para esse grupo, perguntou-se também se eles se consideravam índios. Verificou-se até reconstrução de comunidades que supostamente não existiam mais, como os tamoiós.

Marcos Sabará, da etnia tingui-botó, em Alagoas, aponta ainda outros fatores para o crescimento estatístico. Ele é coordenador da Articulação dos Povos e Organi-

zações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.

— O censo foi aonde não ia. Nas cidades, encontraram mais índios porque tem crescido a migração de quem busca melhores condições de educação e saúde. Na zona rural, muitas comunidades passaram a se assumir como indígenas para lutar melhor contra a invasão de empreendimentos como rodovias e barragens. Há até gente que se diz indígena e conseguiu aproximar-se melhor alguma vantagem — disse Sabará.

Para a Fundação Nacional do Índio (Funai), os números demonstram acertos da política governamental. O antropólogo Artur Nobre Mendes, coordenador-geral de Gestão Estratégica da Funai, cita como exemplo a preservação das línguas indígenas nas terras demarcadas.

— A grande maioria dos índios que mantêm sua língua vive dentro de terras indígenas. Dos que vivem fora, só 12% falam a língua. Dos que vivem dentro, 57% falam — observou Mendes.

Segundo o IBGE, 57,7% dos índios vivem em 505 terras indígenas reconhecidas pelo governo. Essas áreas equivalem a 12,5% do território nacional, sendo a maior parte na região Norte. Como mais



Índios fazem ritual da luta dos guerreiros durante o Kuarup em homenagem a Darcy Ribeiro, no Alto Xingu (MT), quando a cerimônia religiosa incluiu reivindicações políticas

da metade dos índios (63,8%) vivem em área rural, a situação é o inverso da de 2000, quando 52% estavam em área urbana.

No Brasil todo, são 305 etnias, que falam 274 línguas. Para obter os resultados, o IBGE fez parceria com órgãos como Funai e Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que leva o Sistema Único de Saúde a 400 mil índios de 210 povos.

— Esses órgãos colaboraram nas discussões técnicas para elaboração dos instrumentos de coleta e na compatibilização das malhas territoriais — explicou a responsável pelas estatísticas sobre indígenas no IBGE, Nilza de Oliveira Martins Pereira.

Estimativas sobre a população indígena no Brasil em 1500, quando chegaram os portugueses,

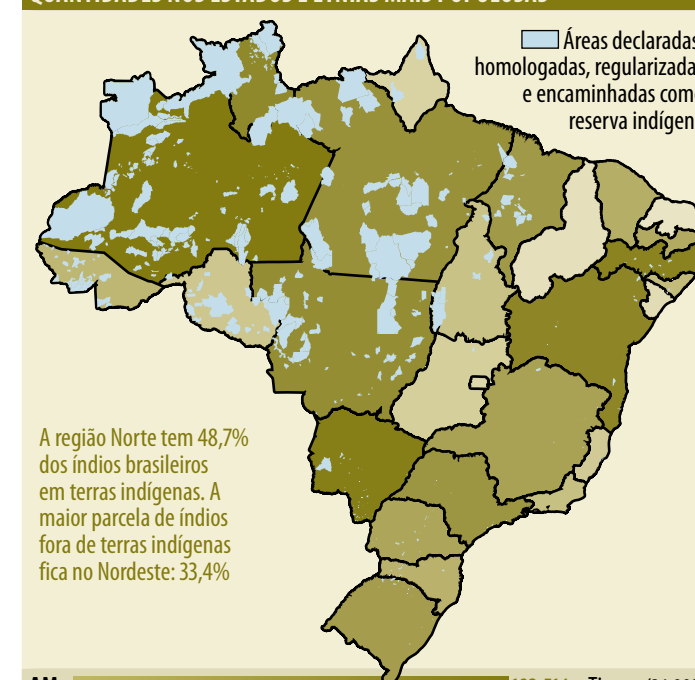
variavam de 2 milhões a 5 milhões. Acreditou-se que o desaparecimento era inevitável quando chegaram a apenas 70 mil nos anos 1950, com extinção de 85% das línguas indígenas. Mas nos anos 1970 a situação começou a ser revertida como resultado de iniciativas históricas como a fundação da Secretaria de Proteção aos Índios, em 1910 (pelo mare-

chal Cândido Rondon, bisneto de índios), substituída pela Funai em 1967, e a criação do Parque Indígena do Xingu, em 1961 (idealização dos irmãos Villas Bôas e coordenação do antropólogo Darcy Ribeiro). Nos anos 1980, estabeleceu-se que a população indígena estaria salva da extinção se chegasse a 1 milhão de pessoas, próximo do número atual.

## Números revelados pelo IBGE

Diferentemente das edições de 1991 e 2000, o Censo de 2010 — cujo recorte indígena foi divulgado este mês — informa sobre terras indígenas, etnias e línguas faladas pelos indígenas residentes no Brasil. Povos isolados, pelas limitações da própria política de contato com objetivo de preservá-los, não foram entrevistados e não estão contabilizados

### QUANTIDADES NOS ESTADOS E ETNIAS MAIS POPULOSAS



Estado	População	Etnia	Porcentagem
AM	183.514	Ticuna	24,99%
MS	77.025	Guarani-caiua	48,88%
PE	60.995	Xucuru	19,85%
BA	60.120	Patuxá	19,86%
RR	55.922	Macuxi	51,16%
MT	51.696	Xavante	34,67%
PA	51.217	Caiapó	15,93%
SP	41.981	Guarani-mbia	6,66%
MA	38.831	Tenete-hara	60,86%
RS	34.001	Caingangue	58,07%
MG	31.677	Xacriabá	28,68%
PR	26.559	Caingangue	40,03%
PB	25.043	Potiguara	69,89%
CE	20.697	Pitaguari	16,40%
SC	18.213	Caingangue	36,96%
AC	17.578	Caxinaua	42,38%
AL	16.291	Uaçú	12,41%
RJ	15.894	Guarani	4,15%
TO	14.118	Xerente	21,12%
RO	13.076	Pacaa-nova	23,56%
ES	9.585	Tupiniquim	34,48%
GO	8.583	Carajá	7,27%
AP	7.411	Caripuna	30,55%
DF	6.128	Guarani-caiua	2,99%
SE	5.221	Xocó	9,62%
PI	4.944	Cariri	6,35%
RN	4.597	Potiguara	19,21%

### POPULAÇÃO TOTAL DE ÍNDIOS



### MAIORES ETNIAS

Ticuna	46.045
Guarani-caiua	43.401
Caingangue	37.470
Macuxi	28.912
Terena	28.845
Tenete-hara	24.428
Ianomâmi	21.982
Potiguara	20.554
Xavante	19.259
Patuxá	13.588
Sateré-maué	13.310
Mundurucu	13.103
Mura	12.479
Xucuru	12.471
Baré	11.990

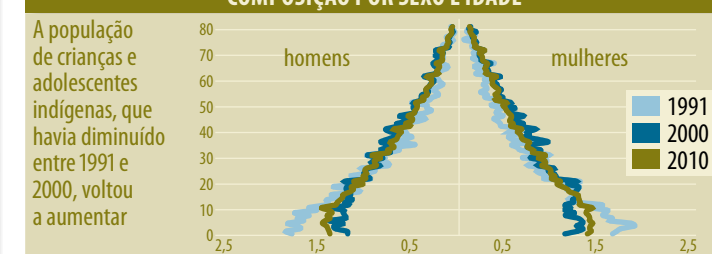
### LÍNGUAS MAIS FALADAS

Ticuna	34.069
Guarani-caiua	26.528
Caingangue	22.027
Xavante	13.290
Ianomâmi	12.706
Guajajara	9.502
Maué	8.934
Terena	8.204
Lingua geral amazônica	7.237
Tucano	7.082
Caiapó	6.204
Macuxi	5.774
Guarani-nhandeva	5.394
Guarani-mbia	5.354
Mundurucu	4.701

### IDIOMAS FALADOS



### COMPOSIÇÃO POR SEXO E IDADE



### MUDANÇA NO QUESTIONÁRIO



## Discussões políticas recebem ênfase na cerimônia do Kuarup

Nos dias 18 e 19 deste mês, a cerimônia do Kuarup, no Parque Nacional do Xingu, ganhou um caráter mais político. Os índios estamparam faixas contra a construção da Usina de Belo Monte e outras ações consideradas lesivas a 16 povos indígenas. O senador Rodrigo Rollemberg (PSB-DF), que em 2007 foi batizado como Krowajó pela tribo craó no Tocantins, recebeu um documento dirigido

à presidente Dilma Rousseff, lido por ele no Plenário. — Preocupam-se com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215/00, que transfere para o Congresso a responsabilidade pela demarcação de terras, e com a Portaria 303/12 da Advocacia-Geral da União (AGU), que permite grandes obras nas terras indígenas sem consulta a eles — disse Rollemberg. Na opinião do senador, a

Portaria 303/12 contraria a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, e a PEC 215/00 é um retrocesso porque dificulta novas demarcações de terras. Sabará reforça as críticas: — A portaria da AGU caça direitos previstos na Constituição. E a PEC 215/00 interessa ao agronegócio, pois no Congresso existe a bancada ruralista, enquanto nós temos dois ou três simpatizantes — alertou o tingui-botó.

Paulo Paim (PT-RS), como presidente da Comissão de Direitos Humanos, também tem debatido essas questões. — O crescimento não é fruto apenas das políticas de governo, muito poucas, mas mostra principalmente a resistência dos índios. Muitos deles morrem ainda crianças, devido à falta de atendimento à saúde. Há também suicídios entre os

jovens, devido à falta de perspectivas. É preciso avançar — afirmou o senador. Para Paim, o Congresso tem deixado a desejar. O senador acredita que o Código Florestal, como foi aprovado, não interessa a índios nem a ninguém, por não garantir proteção ao meio ambiente. O novo Estatuto dos Povos Indígenas, segundo o parlamentar, não avança por pressão dos latifundiários.



Na Comissão de Direitos Humanos, Paim debate questões indígenas



No Kuarup, Rollemberg recebe dos índios reivindicações para entregar a Dilma

## Fontes da cultura brasileira correm risco de extinção

A herança indígena forma a cultura nacional com hábitos como banho diário, uso da rede de descanso, instrumentos musicais, artesanato, técnicas de cerâmica e métodos de pesca e plantio, além de alimentos como mandioca, milho, guaraná, palmito e tapioca.

Na saúde, vem dos índios o emprego de vegetais e animais como fonte de cura natural, prática que se tornou alvo de pesquisadores estrangeiros e de contrabando biológico. No folclore, os índios deram ao Brasil seres fantásticos como o curupira, o saci-pererê, o boitatá e a iara. Mas a mais nítida influência está no vocabulário. Palavras indígenas como canoa, jacaré, carioaca, pipoca, jaguar, caxumba, abacaxi, caipira e pereba são apenas algumas das muitas incorporadas à língua portuguesa.

A contribuição se comprova também nos nomes de lugares, como Goiás, Sergipe, Paraná, Paraíba, Cuiabá, Ipanema e Iguaçú. E há ainda os nomes próprios: Iracema, Jandira, Cauá, Tainá.

Mas o antropólogo Mendes avisa que muitas dessas fontes culturais linguísticas estão em situação de risco. — Pelo último censo, 23% das línguas indígenas (63 de 274) têm menos de dez falantes. Ou seja: são virtualmente extintas. Se o último falante morre, morre com ele uma construção de centenas ou até milhares de anos — disse.

As principais línguas tupi-guaranis foram sistematizadas já no início da colonização. O padre José de Anchieta, além de mais de 30 composições em tupinambá, escreveu *A Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em 1595, dois anos depois de sua morte.

Hoje, o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, registra e documenta línguas ameaçadas de extinção. Na opinião de Mendes, o programa terá de ser ampliado e fortalecido a partir do censo. O problema é que algumas línguas listadas como distintas, na verdade, são dialetos tão próximos quanto o português de Salvador e o de São Paulo.

No século 17, o tupi deu origem à língua geral paulista, que chegou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro. Apesar da sua proibição em favor do uso obrigatório da língua portuguesa, em 1757, a chamada brasílica só começou a dar lugar à língua portuguesa no início do século 19. A língua geral amazônica, atualmente conhecida como nheengatu, ainda hoje é falada na região da bacia do rio Negro.



Em cerimônia no Senado, índio se manifesta com chocalho, uma das heranças indígenas para a cultura nacional

### Saiba mais

**Censo 2010 — características gerais dos indígenas (IBGE):**  
<http://bit.ly/caracteristicasIndigenas>

**Mapa interativo da população indígena:**  
<http://bit.ly/terrasIndigenas>

**Quadro geral dos povos indígenas do Brasil (etnias, famílias linguísticas, informações demográficas):**  
<http://bit.ly/quadroGeral>

**População indígena em quadradinhos (IBGE):**  
<http://bit.ly/quadradinhosIndios>

**Manifesto dos povos do Xingu à presidente Dilma Rousseff:**  
<http://bit.ly/manifestoXingu>

**Estatuto dos Povos Indígenas (Lei 6.001/73):**  
<http://bit.ly/lei6001>

**Funai:**  
[www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)

**Veja as edições anteriores do Especial Cidadania em [www.senado.gov.br/jornal](http://www.senado.gov.br/jornal)**